



Arte, Política e Linguagem: Compreensão Clínica da Sexualidade

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO

Nome Completo: **GIULIA PETRELLI COMINATO**

E-mail: **petrelli.lia@gmail.com**

Conclusão: **1º SEMESTRE / 2018**

Curso: **Formação em Psicanálise Clínica**

Unidade: **Campinas (SP)**

Professores: **André Figueira e Paulo Vieira**

Campinas (SP), 15/05/2020

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os meus amores, que me fazem viver intensamente cada momento de descoberta de mim.

Agradecimentos

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida.

Citação

“Se não fosse o sonhar sempre, o viver num perpétuo alheamento, poderia, de bom grado, chamar-me realista, isto é, um indivíduo para quem o mundo exterior é uma nação independente. Mas prefiro não me dar nome, ser o que sou com uma certa obscuridade e ter comigo a malícia de me não saber prever.”

Fernando Pessoa

Introdução

O presente artigo tem como objetivo explicar práticas técnicas da Soma e da Gestalt que, a priori, consideradas como terapias, não participam diretamente do campo clínico da psicanálise. Durante os estudos, a compreensão da castração da sexualidade no campo sócio-político pôde conversar com práticas artísticas a fim de melhor compreender o funcionamento do sujeito contemporâneo, pretendendo correlacionar o fazer artístico e a clínica equilibradamente, já que a psicanálise habita diversos campos, conseguindo abordar diversas linguagens e aproximações para desenrolares psíquicos. Abrir o leque de extensas linguagens tem como intuito desenvolver uma fórmula que atrele o corpo aos sentimentos que são, ou não, por ele expressos.

A psicanálise, visualizada como método de tratamento para o sofrimento humano, caracterizado por sentimentos incômodos que reverberam dentro e fora do sujeito, se baseia na associação livre, a fala, que articula transferências através de interpretações, pontuações, intervenções e construções advindas da relação cliente-terapeuta. Freud já a considerava como um método de investigação, não anulando investigações extra clínicas. É comum notarmos que cultura, religião, línguas, arte se emaranham no sujeito de forma sutil ao longo de sua construção, barrando certos tipos de conclusões pelo meio social.

Jacques Lacan acrescenta que “A psicanálise é também uma ética (centrada no desejo, orientada pela expansão do universo da falta). E a psicanálise é também um discurso”. Enxergando o momento contemporâneo como aquele que visa alinhar discursos para melhor realocar os sentimentos, o artigo parte para análise da linguagem não-binária para melhor falar sobre a sexualidade dos sujeitos.

Christian Dunker afirma que, antes de tudo, a prática analítica converge para formas de dispor claramente as transfigurações que participam dos pensamentos internos do sujeito sobre ele mesmo. “Então a psicanálise é uma arte? Mais ou menos, ela talvez esteja entre a ciência e a arte.”¹

1. Soma e Psicanálise

Não é estranho para a psicanálise os efeitos psicossomáticos que o corpo vivencia quando encontra barreiras inconscientes. A histeria, elucidada por Jean Martin-Charcot, auxiliou estudos de Freud para desvendar a neurose: o estado do corpo em choque ao pânico extremo. Roberto Freire estuda os efeitos unicistas do somático, assim, uma dor no canto direito da coluna pode sugerir alguma questão psíquica-estrutural que ainda não se tornou clara para quem a sente.

Os objetivos de estudo deste artigo são abrigar os conceitos trazidos através da Soma e Gestalterapia, que se organizam de forma contrária a psicanálise, como respiro para o desenvolvimento de análises que envolvem a arte como método para compreensão dos distúrbios emocionais tratados em clínica, uma vez que a redefinição do real atual aparece sob a elaboração do imaginário e do simbólico. Nessas formas de terapia não há o interesse pela história pessoal do paciente, a transferência – que elabora o inconsciente como ponto de partida para chegar à autonomia da realidade – troca de lugar e são introduzidas as franquezas, a honestidade e a presença humana do terapeuta. Levando em consideração a leitura da trilogia SOMA, o presente artigo visa encontrar pontos de convergência entre as práticas e a psicanálise, já que a ciência elaborada por Freud baseia suas primeiras descobertas partindo da análise de comportamentos histéricos.

Em “Sobre os mecanismos psíquicos dos fenômenos histéricos”, 1893, S. Freud e J. Breuer explanaram métodos terapêuticos a fim de elaborar a linguagem do inconsciente: através de manifestações corporais, os pacientes histéricos corporificavam, na neuromusculação (tremores, espasmos, paralisias), sintomas de desejos reprimidos – em sua maioria de caráter sexual.

Ora, não é à toa que a prática da hipnose gerava resultados: a diminuição da atividade psicomotora, auxiliada à mão do terapeuta de encontro a testa do paciente pretendiam sempre convencê-lo a falar, em associação livre de ideias,

sobre tudo o que lhe viesse à cabeça. A revelação dos conteúdos sexuais fez com que Breuer abandonasse os estudos, como bem sabemos; ao contrário de Freud, que foi capaz de sublimar tais impulsos sexuais, visando a compreensão e desenvolvimento da teoria psicanalítica.

Com o tempo, a psicanálise pautou suas pesquisas dentro da metapsicologia analítica, onde o corpo e a pessoa real do analista não passavam de telas sobre a qual o paciente poderia projetar seus fantasmas infantis, tomando a transferência – afeto e desejo do paciente com o terapeuta –, e a contratransferência – afeto e desejo do terapeuta para com o paciente – como o único fenômeno realmente concreto.

Vendo por esse lado, a psicanálise sempre foi, em primórdio, uma terapia corporal. Entretanto, só podemos validar esta ideia se considerarmos os afetos e desejos sexuais como parte integrante do corpo, sendo o próprio corpo organizado pela energia vital, mesmo que à distância, uma vez que a troca bioenergética ainda faz parte das relações, apesar das relações físicas serem bloqueadas. Os atos de *falar* e *ouvir*, podem ser considerados um tipo de toque físico, estabelecido tanto pelo paciente quanto pelo terapeuta, ao interpretar; até o silêncio pode ser considerado toque, uma vez que as sensações físicas da análise devem estar conversando mesmo nesses momentos. Ao analista/terapeuta, cabe a escuta atenta de seu próprio corpo e do corpo de seu paciente para que interpretações eficientes sejam elaboradas – tanto no silêncio quanto na livre associação pode-se ouvir o cliente enfrentando suas próprias defesas por meio das contrações musculares, desníveis de respiração, entre outras observações.

Na análise freudiana, as resistências são manifestas através da interrupção do fluxo das associações livres, comumente atreladas ao fato do paciente se recusar em aceitar as interpretações do analista, assim, Freud definiu este fenômeno como “a descoberta do inconsciente e sua introdução na consciência”, realizada face a uma contínua *resistência* por parte do paciente. O processo de trazer à luz este material inconsciente está associado a *dor* (provinda do

desprazer) e, devido a ela, o paciente repetidamente o rejeita. Frequentemente a dor que Freud descrevia estava associada a algo fisicamente observável – a inquietação, os movimentos incessantes, por exemplo. A este respeito, Wilhelm Reich, Alexander Lowen e Roberto Freire continuaram suas pesquisas no campo somático.

1.1 Contribuições de Freud, Ferenczi, Lowen e Reich para a Soma.

Sandor Ferenczi (1873-1933, Hungria), além de professor e precursor de Wilhelm Reich, está entre os mais importantes dos primeiros inovadores das técnicas psicanalíticas, introduzindo um trabalho corporal mais direto, o qual deu o nome de Técnica Ativa. Tal técnica pedia para que o paciente se colocasse num papel de ordem poética, onde alguns pacientes acabavam por mesclar as partes femininas e masculinas, externalizando, após as sessões, ações que condiziam ao contato energético que presenciou. Se um paciente masculino era orientado a se comportar como uma cantora, por exemplo, após a sessão este sentia urgência em urinar. Durante as sessões a maioria dos pacientes enfrentava sensações nauseantes, agitações motoras disfarçadas, motivações para se beliscar ou dar tapinhas no rosto e ao longo do corpo.

“O fato de que certas expressões da emoção ou algumas ações motoras que se provoca no paciente evocam memórias secundárias do inconsciente, se baseia parcialmente na reciprocidade entre afeto e ideia. O reavivar da memória pode – como na catarse – ser acompanhado de uma reação emocional; mas uma atividade realizada ou uma emoção liberada podem expor, igualmente bem, as ideias reprimidas associadas a tais processos. (...) Desde então, tenho aprendido que é algumas vezes útil recomendar *exercícios de relaxamento* e que com tal tipo de relaxamento pode-se vencer as inibições psíquicas e resistências às associações.”
[Ferenczi em SOMA vol. 1, p. 70]

Assim, analisando comportamentos neuróticos, o psicanalista húngaro, percebeu que o método parecia convencer os pacientes de que dores poderiam ser suportadas e, desta forma, poderiam utilizar esta dor para obter um prazer ainda maior, fazendo emergir sensações de liberdade e autoconfiança que sempre estão suprimidas nos comportamentos neuróticos. Em 1929, Reich descreve a *Análise do Caráter*, como a ligação da “psicologia do Ego lá em cima, com as tensões e problemas do Ego cá embaixo.”

A expressão corporal é a perspectiva somática da expressão emocional típica, vista a nível psíquico como “caráter”, os pesquisadores das expressões corporais pensam que não é mais preciso depender dos sonhos ou das técnicas de associação livre para chegar aos impulsos inconscientes ou suas resistências, igualmente inconscientes: isto porque o próprio corpo é o reservatório das resistências manifestas em contração ou distensão muscular, como veremos a seguir.

Alexander Lowen (1910-2008, Estados Unidos) pauta sua pesquisa a partir das funções propostas por Sigmund Freud (1856-1939, Tchécua), em primeira instância concordando com a dicotomia funcional do psíquico-biológico, entretanto ressalva: “Não pretendo dizer que a abordagem dualista é a resposta completa ao problema das relações mente-corpo” [Lowen em SOMA vol. I, p. 88], isto porque a ação é vista como o somático e o psíquico acontecendo em dois níveis, ao mesmo tempo. Mas não ocorre à Lowen que esses dois níveis fazem parte de um só (o somático), onde o psíquico é apenas uma parte integrante.

As re-explorações de Lowen estão na base da Soma onde Roberto Freire encontrou a ligação entre Freud e Reich para desenvolver os métodos da prática. Enquanto psiquiatra, podemos notar que o funcionamento biológico do cérebro humano está no centro das questões abordadas por Freire, portanto, as explicações do psicanalista estadunidense conversam com os interesses do método, para além das dicotomias percebidas em seus escritos. O conceito de Reich sobre as funções biológicas percebe o dualismo energético, sendo ele o

primeiro a perceber que essa dualidade funcional não se destaca nem se opõe às físicas e sim formam o conjunto de expressões psicossomáticas: a couraça neuromuscular do caráter.

Freud, por outro lado, percebe totalmente a dualidade em relação a função vital humana, ao longo de suas pesquisas entendeu o Ego como um equilibrador entre as forças vital (sexualidade) e o princípio de morte (destruição); o Superego é responsável por romper essa unidade do organismo operando no sentido de destruí-la.

O funcionamento do ID, Ego e Superego estão no cerne das explicações de Lowen. Em *O Corpo em Terapia*, 1977, o psicanalista explana o funcionamento biológico e psíquico em um esquema similar ao de uma célula única. O centro irradia o impulso que é percebido na superfície, assim, propõe dois esquemas: o primeiro não considera a musculatura do indivíduo, mas ambas direcionam as funções que indicam, respectivamente, o centro do esquema como abrigo do ID, ou seja, os processos psíquicos que nos são inconscientes, mais precisamente, as atividades dos órgãos que não podemos ter consciência mas que, com algum esforço, podem emergir à consciência – como a função dos pulmões, por exemplo. Assim, o núcleo, como fonte de toda a energia dos movimentos, é seguido por um impulso que representa o movimento de energia do centro para a periferia (superfície).

O Ego seria a camada da superfície desta célula, representando os processos psíquicos dos quais temos consciência, pois se referem às atividades que nos põem no mundo exterior, ou seja, as atividades se tornam conscientes na medida em que se impõe à superfície do corpo. O Superego, por sua vez, é o processo psíquico que pode impedir uma atividade de se tornar consciente, ou de atingir a superfície do corpo. Neste momento, o esquema que Lowen tentava traçar era a explicação da base somática da psicologia do Ego, tomando como interpretação as noções quantitativas dos fatores, uma vez que medimos todas as energias físicas partindo do trabalho que realizam.

O Ego se torna a percepção da percepção, a autoconsciência, que foi construída e se baseia no fato de que a consciência é uma percepção: o primeiro nível do Ego percebe um movimento que pode, ou não, ser manifesto na forma de deslocamento espacial – o fato de não percebermos os movimentos do intestino, ou do coração, não muda o fato de que estes se movem (atuando aqui no centro, ou seja, no ID), portanto, o médico conclui que a percepção ante o movimento é precisamente a camada de consciência em que o Ego atua. “Comumente estamos conscientes apenas dos movimentos mais óbvios do nosso corpo, mas com atenção podemos sentir mesmo os mais sutis. (...) O contato com uma parte do corpo que não é percebida, pode ser estabelecido pelo aumento na mobilidade da referida parte. Existe aqui um fato quantitativo: a intensidade do movimento está em relação com a qualidade da percepção.” [Lowen em SOMA v. I, p.85, 86].

O sistema perceptivo que abriga o Ego está localizado na superfície do córtex cerebral, por isso experimentos demonstram que sensações doloridas que ocorrem nos órgãos irradiam para a superfície do corpo. O ID está relacionado a processos que ocorrem em níveis de maior profundidade, tanto somáticos quanto psíquicos, tendo seus centros principais abaixo do córtex cerebral, no centro branco da medula do cérebro, no mesencéfalo e no diencéfalo. O sistema muscular, por outro lado, possui duas funções: executar e reter movimentos.

Assim, tendo relacionado as funções psíquicas às somáticas, posso exemplificar as funções musculares de acordo com as informações propostas por Lowen: um indivíduo irado deve controlar suas pulsões agressivas, seus punhos se tornarão enrijecidos, os braços tensionarão, os ombros serão encolhidos – aqui o Ego se torna controlador do impulso, uma vez que impede a emissão deste de acordo com o princípio de realidade; este funcionamento psíquico é o censor dos atos e determina quais impulsos devem ser permitidos ou reprimidos.

O segundo esquema de Lowen nos mostra que o Superego controla os impulsos através do aparato muscular – a nível psíquico, impede que certos pensamentos emergam à superfície. Quando inconsciente não tem a ver com a realidade da

ação, uma vez que existem musculaturas que são cronicamente tensas e afastadas das percepções; neste caso existe a limitação à mobilidade, a qual o Ego não possui nenhum tipo de poder. Não precisamos, necessariamente, sermos acompanhados de um terapeuta para notar, por exemplo, que sob situações amedrontadoras ou dolorosas, prendemos a respiração, ou seja, contrai-se o diafragma, enrijece-se os músculos abdominais; a descarga destas tensões resulta em suspiro. Caso torne-se recorrente, a posição do indivíduo que atua de tal forma, o estado crônico da postura será sempre de inspiração do ar: respiração baixa e estomago “duro”. Tal postura resulta na diminuição de oxigênio, redução de produção de energia no metabolismo do organismo, a etapa final é a perda de afeto e redução do tônus emocional – já que o tônus corporal está ocupado retendo a entrada de ar no organismo, sempre alerta em posição de impedimento.

Mesmo tendo explorado primordialmente as descobertas de Freud, que atravessam a luta do Ego em manter sua integridade perante o Superego – enquanto reconstrutor de padrões, encontrando o Ego Ideal defronte as demandas do meio ambiente –, Lowen abandona as teorias freudianas no plano psíquico e recorre às pesquisas de Wilhelm Reich (1897-1957, Ucrânia) do início da década de 30, resultantes do livro *A Função do Orgasmo*, 1927. Os experimentos de Reich visavam determinar o que ocorria na excitação sexual e como isto se relacionaria com a percepção do prazer. As demonstrações falam sobre o potencial elétrico na superfície da pele, que se altera segundo as emoções. Reich descobre que cada zona – labial, mamária, palma das mãos, etc. – correspondem ao agudo aumento potencial dérmico de tais áreas; a pressão ou o medo produzem um marcante decréscimo no potencial da pele, comprovando a tese freudiana de que o Ego em sua função perceptiva é primordialmente um fenômeno da superfície do corpo. Notando todas essas confluências, onde a projeção dos fenômenos de superfície sobre áreas cerebrais apropriadas torna possíveis às percepções em processos conscientes – tanto a projeção sobre a superfície do corpo, quanto a projeção da superfície

sobre outra superfície –, Reich formula a lei básica do funcionamento biológico: a unidade e antítese da vida vegetativa.

A vida vegetativa do organismo é composta por duas funções: expansão e contração, onde a qualidade de todos os organismos vivos encontra sua identidade a partir da função de pulsação. No âmbito somático a expansão e a contração são processos fisiológicos, correlacionados às atividades dos sistemas nervosos simpático e parassimpático. A nível psíquico a expansão biológica é percebida como prazer e a contração como desprazer e tais funções estão intimamente ligadas à fenômenos provenientes do ID.

O desprazer não descreve uma sensação perceptível, mas se relaciona a ansiedade na medida dos movimentos de pulsação de expansão e contração. A antecipação do prazer permite a tolerância do estado de tensão que pode ser desagradável, mas que, não sendo possível, se experimenta como ansiedade. Aqui, tanto o princípio de prazer quanto o princípio de realidade estão em jogo.

O princípio da realidade é o que domina o comportamento adulto, segundo Freud, portanto qualquer tensão acumulada antes da descarga é aceita e submersa na antecipação da descarga que se seguirá. A ansiedade é uma ameaça ao Ego; não necessariamente é uma condição patológica, isto porque só pode ser considerada patológica quando não é proporcional à situação anterior que a provocou. O indivíduo saudável tem a habilidade de manter o seu ritmo de pulsação dentro do princípio da realidade. Para adentrar neste ponto, precisamos estabelecer o terceiro ponto de tais funções: a dor.

O desprazer pode ser entendido como o estado de carga energética que precede a descarga. A ansiedade, por sua vez, é a carga energética cujo movimento de descarga está bloqueado, ou reprimido. Se a intensidade da carga aumenta, ameaçando a integridade estrutural do organismo, a dor aparece; esta será pautada para além das sensações, e encontrará movimentos neurais para sua descarga.

Em *Além do Princípio do Prazer*, 1920, Freud qualifica os movimentos de prazer – diminuição da excitação – e desprazer – aumento da excitação –, segundo a Monografia de Conclusão do Curso de Formação em Psicanálise - psicanaliseclinica.com - pág. 12

quantidade de excitação presente na mente, que não é de forma alguma dominada. O instinto de morte prevê o masoquismo, resultando na repetição de atividades baseadas em necessidades recorrentes que condicionam o estado de tensão do organismo enquanto permanecem insatisfeitas. O impulso resultante tem como objetivo o alívio das tensões, que resultariam em prazer. Quando tais ações encontram a execução no sentido de benefício futuro, adentramos o princípio da realidade, que não é contrário ao princípio do prazer e sim, uma modificação.

Para Reich tanto o prazer quanto o desprazer participam da movimentação de energia do organismo, onde o movimento de dentro para fora diminui a pressão interna, e o movimento de fora para dentro eleva a tensão de superfície e facilita a descarga no mundo exterior. Aqui devemos entender a posição do médico ucraniano, que sempre pautou suas ideias dentro da compreensão de que, mesmo que o indivíduo não esteja ciente de sua individualidade, ele ainda pertence ao mundo dentro desta instância.

Lowen analisa esta relação de dependência-independência como derivante da antítese básica: o indivíduo pretende sempre estar em direção ao mundo, assim como em direção para o seu centro individual, uma vez que a descarga de energia do organismo sempre está sob a função de relação ao mundo exterior. Podemos pensar essa questão sobre os aspectos psicológicos do funcionamento da libido do objeto em contraposição à libido narcísica. Os sentidos somáticos correspondentes podem ser observados de forma clara no comportamento da ameba.

Roberto Freire começa o primeiro volume de *SOMA: A alma é o corpo*, 1988, explicando que o funcionamento de organismos unicelulares conversa diretamente com o posicionamento unicista da prática, pois a mesma está pautada em ideais igualitárias das forças internas e externas, no qual todos os seres vivos estão suscetíveis.

Absorver, analisar e retirar fazem parte do modelo metabólico que se divide em três partes: o anabolismo (absorção), o metabolismo (digestão) e catabolismo

(eliminação). Esses três processos participam, em termos bioquímicos, da ameba unicelular, habitante do meio líquido que vive de se contrair (sístole) e de se expandir (diástole), permitindo que haja vida na célula que compõe. Ao se expandir, a membrana deixa entrar em seu corpo tudo o que a rodeia, e ao se contrair, elimina tudo o que não precisa, o que lhe é tóxico. Assim funcionam todos as relações humanas: dentro e fora do corpo.

A Soma se baseia inteiramente no fato de que o princípio do prazer está intimamente ligado com o princípio da vida, isto porque Roberto Freire acredita, ao contrário de Freud e Reich, que dentro da visão unicista e dialética, apenas o princípio do prazer pode expressar diretamente as simples realizações do impulso – ou indiretamente através do retardamento da ação –, obedecendo escolhas adequadas e táticas que melhor aproveitam a energia para a realização em todas as partes da vida do sujeito, tanto no plano pessoal, quanto no social. Dentro da visão do psiquiatra, o princípio da realidade se desenvolve a partir do princípio do prazer, pois ao princípio da realidade cabe procurar adaptar cada espécie aos limites de seus potenciais energéticos e às características atuais que circunstanciam suas relações com o meio ambiental.

Lowen descreve, sob o ponto de vista fisiológico da função do aparelho genital como a natureza do princípio do prazer atua, levando em consideração que as disfunções no aparelho estão ligadas à tensões e espasmos dos tecidos musculares onde poderiam ser trabalhados métodos para a melhoria de tais condições crônicas tanto através de entendimentos psicológicos, quanto de intervenções somáticas.

“O aparelho genital em si mesmo funciona de modo semelhante a um condensador elétrico que descarrega automaticamente tão logo a carga atinja o nível máximo de capacidade. O princípio de realidade, em oposição ao do prazer, exige que a eliminação da carga ou tensão seja adiada em virtude da possibilidade de um prazer maior. (...) A função diminuída do reservatório e a capacidade reduzida levam à impulsividade e, especificamente, à prematuridade da ejaculação no macho. A prematuridade resulta num prazer diminuído. (...)” [Lowen em SOMA vol. 1, p. 101]

O psicanalista descreve a onda de excitação presente no aparelho genital como sistema condensador determinante da velocidade da descarga de energia prazerosa, entretanto este funcionamento não está ligado à sua intensidade, pois um grande prazer no ato sexual depende da energia da carga acumulada no abdômen e na pélvis, que só então poderá ser lentamente liberada para o aparelho genital. No ser humano, os músculos da coxa servem à função de apoio e controle sobre os movimentos sexuais, a habilidade de movimentar a pélvis permite que a energia se acumule em níveis mais altos, e por isso mesmo qualquer espasticidade crônica de tais músculos diminui o controle e favorece a ejaculação precoce, do mesmo modo que a extensão deste controle pode ser neuroticamente ampliada e resultar na perda de espontaneidade.

Freire segue a linha de raciocínio que relaciona a formação do Ego a partir do ID, com o princípio de realidade se formar a partir do princípio do prazer por conta do crescimento. Tais funções não podem ser desconectas, isto porque o princípio de realidade, assim como o Ego, privados de suas motivações provenientes do princípio do prazer, e do ID, tornam-se estéreis e frágeis.

Nas relações interpessoais que visam o ato sexual sempre se procura, antes mesmo do contato físico, sensações agradáveis, colocando o Ego em pleno comando; o prazer serve à função de aprofundar e ejetar as sensações mais profundas do ID. Reich descreve a penetração de forma a demonstrar o aumento gradual do prazer como uma curva que atingirá o clímax; aqui o sistema do ID aumenta sua influência, submetendo totalmente o Ego ao funcionamento do ID, da mesma forma que o princípio da realidade cede ao princípio do prazer. Este ponto final – o clímax – é alcançado quando ocorre uma reação involuntária que provoca uma descarga. A força é relativa e deriva do funcionamento do Ego que, se enfraquecido, não detém às forças do ID e resulta na ejaculação precoce; e se desenvolvido às custas do ID, corresponde ao decréscimo do prazer final. Assim, Freire conclui que esses dois sistemas trabalham conjunta e não antagonicamente. O Ego, inundado pelas fortes ondas do ID, faz a consciência e o princípio de realidade desaparecerem, os reservatórios de energia seguem a direção para a descarga nos genitais. Por poucos momentos o ID toma controle do corpo e o organismo perde sua identidade. Reich diz que o Ego se diferencia do ID “apenas para perder-se nele durante os momentos supremos da vida.” [SOMA vol.1, pg. 103], da mesma forma que o princípio de realidade existe para aprofundar o princípio do prazer.

Os movimentos de carga e descarga descritos por Reich e Freire condizem às leis da bioenergética dos impulsos; à função de carga se observa a ingestão de alimentos, respiração e excitação sexual, à descarga tem suas expressões mais importantes no âmbito sexual e de reprodução. Tais funções são parte do processo de vida e os objetivos transcendem a compreensão racional, sendo determinadas pelo princípio do prazer.

Para a Soma, a conclusão mais importante está no fato de o instinto do Ego não poder ser mais forte do que o sexual e o próprio Ego não poder ser maior do que o desejo sexual. Caso ocorra ambivalência no entendimento destas funções, a função sexual será interceptada pela mesma ambivalência. As visões dualistas de Freud e Lowen não invalida a verdade contida em respectivas descobertas, mas é necessário entender que a separação entre tese e antítese se configuram de acordo à opção intelectual, fruto do racionalismo que percebe a dinâmica biológica como desligada da realidade sociopolítica da vida humana.

Assim sendo, a Soma compreende as atuações dos impulsos dos princípios de realidade e de prazer como mecanismos autorreguladores espontâneos autônomos a cada indivíduo, condizentes para com a realização simultânea de natureza pessoal e única, não se excluindo a natureza social. Desvios de tais compreensões são produzidos por forças heterorreguladoras de natureza política, atuando diretamente sobre o Ego e indiretamente sobre a sexualidade, tendo como resultado o enfraquecimento da personalidade por inadequação da mobilização energética. A Psicanálise e a Bioenergética falham em explicar as origens sócio-políticas de tais atuações, bastando-se a descrever e nomear alguns fenômenos psíquicos; a Soma, por outro lado, como parte integrante, mas não integrada de tais descobertas, leva em consideração que as autoridades pedagógicas e políticas tem papel fundamental na construção do princípio de realidade experienciado pelo Ego através da restrição autodeterminadora, bloqueando a livre expressão sexual que, como veremos a seguir está no cerne das psicopatologias contemporâneas.

1.2 Soma, Gestalt e Política

Reich acreditava que a revolução social, iniciada por Marx, só poderia acontecer se houvesse antes a revolução do sujeito; em outras palavras, as transformações se dariam pelas próprias lutas dos sujeitos que gostariam de englobar suas formas de sexualidade e prazer em essência, reprimindo cada vez menos desejos genuínos.

Em *Análise do Caráter*, 1929, o médico nota que desejo e neurose se interligam, pois existem clientes que possuem desejos enormes de agradar o analista – o outro –, de se adaptarem ao mundo a qualquer custo. Assim, o médico ucraniano propôs que antes mesmo do início da análise, propriamente dita, fosse feita uma análise do caráter, acreditando que tal movimento romperia certas barreiras de inautenticidade, de defesa corporal, aquelas que impedem o sujeito de ter uma relação problemática com seu próprio desejo, negando, assim, sua existência. Reich acreditava que o caráter fálico narcisista, o caráter anal, o caráter oral, entre outros, deveriam ser tratados antes da análise caminhar em desenvolvimento, modificando a técnica, os analistas adotariam posturas confrontantes, de provocação, ultrapassando o jogo de aparências tão comum a esses clientes.

Adaptando as filosofias de corpo e mente de Henri Bergson (1859-1941), Reich encontra relações entre a libido e a crítica que a psicanálise faz acerca de tal dualismo, permitindo que experimentos de reorganização da energia libidinal fossem desenvolvidos: a vegetoterapia e a orgonoterapia eram conduzidas através da experiência corporal, iniciada pela respiração. Em *A Função do Orgasmo*, 1927, o médico traça paralelos entre a psicanálise e a erotologia, explicando a importância e a dificuldade de expressar nossas experiências de prazer e orgasmo. O prazer estaria sendo limitado nas relações sexuais, atravessando meramente as experiências afetivas autênticas do sujeito, pouco explorada na totalidade do corpo, focando apenas nos órgãos, ou seja, nos genitais. A angústia, atrapalhando a vida sexual do sujeito no sentido etológico,

deveria participar da revolução proposta por Reich, recolocando a sexualidade como questão social, onde as relações poderiam ser mais livres.

O que fez com que se desencadeasse a luta política dentro da Sociedade Internacional de Psicanálise foram as discordâncias que Reich encontrou dentro do funcionamento do masoquismo, participante do Instinto de Morte. Para Freud e seus seguidores, o masoquismo era resultado do medo de punição pelo comportamento sexual e não como resultado de qualquer desejo de serem punidos por isso, mas Reich via este comportamento como secundário do funcionamento neurótico, ou seja, como saída para complicações da inibição sexual e dizia que os analistas, preocupados em eliminar o desejo de punição, esqueciam-se que o problema do neurótico estaria intimamente ligado à repressão sexual. O terceiro capítulo do artigo *Análise do Caráter*, 1933, escrito por Reich, foi desaconselhado aos psicanalistas em formação, considerado por Freud muito mais político do que científico, fazendo com que a ruptura entre pensamentos acontecesse.

Assim, demitido da sociedade psicanalítica em 1934, Reich constantemente discordou da concepção freudiana do corpo biológico, “interpretado intelectual e simbolicamente, sempre submetido a controle pela existência fantasmagórica do inconsciente todo-poderoso e incorporificável” [SOMA vol.1, p.57], pois o complexo de Édipo, para o médico, não é a causa e sim a consequência da repressão sexual social, uma vez que o núcleo somático da neurose aparece sob a forma de impotência orgástica e de estase libidinal, bloqueando em nível muscular a livre circulação energética, acompanhando o sujeito por toda a sua vida, pelo corpo todo, através da economia sexual e da função do orgasmo. Reich acabou levando para o campo físico as teorias de freudianas, que eram do campo do psiquismo.

É o corpo que, para Reich, exprime-se através da musculatura, da motricidade e da livre expressão os obstáculos do mundo exterior. As três camadas superpostas que envolvem o funcionamento crido pelo médico falam sobre uma dissociação de pulsões que se voltam contra o Ego. A primeira camada mais

superficial é a fachada socio-profissional, a educação formal, que encobre a segunda camada correspondente ao inconsciente freudiano, onde estão o sadismo, o ódio e o ressentimento – precisamente onde atua o gozo. A terceira camada, por sua vez encoberta mais profundamente ainda, abriga “o núcleo biológico primário da espontaneidade natural, da alegria de viver e da capacidade de amar.” [SOMA vol.1, p. 57] A imobilização das quantidades de energia surge como bloqueio afetivo, por falta de contatos autênticos, substituídos por contatos sociais estereotipados, criando através do que chama *couraça*, o que conhecemos como falso Ego.

A *couraça muscular* resulta do bloqueio ao reflexo orgástico, por isso o desinteresse do médico de trabalhar individualmente tais desconstruções, preferindo atuar nas modificações de ordem social e política como solução terapêutica em geral. Reich não se aprofundou em deixar específicas práticas que empregava em seus clientes, sabendo-se só que trabalhava com corpos deitados, com a respiração e aplicação de pressões sobre os maxilares e o externo.

Atualizando as práticas que construiu ao longo de sua carreira, Freire descreve Soma não como uma terapia, pois “(...) Terapia, em grego, pode designar o desenvolvimento das pessoas, mas a Medicina a tem usado como ato de curar. (...) Soma, para mim, significa a totalidade viva da pessoa, num todo abrangente da energia vital materializada em algo pulsante, dinâmico, metabólico e finito. Assim, decidi evitar o sufixo terapia e passei a designar meu trabalho apenas por *Soma*.” [SOMA, vol. 1, 1988, p. 17]

Apesar de derivar do grego, Soma não quer dizer apenas corpo, “significa “Eu, o ser corporal.”” [Corpos em Revolta, HANNA, Thomas, Edições MM]. A somatização se refere ao corpo abstraído da mente, que muito pouco tem a ver com a ideia de Roberto Freire, que acredita na unicidade humana, onde corpo e mente atuam juntos no funcionamento orgânico do ser, no momento presente, no aqui e no agora.

Faz sentido que “O novo mundo a ser explorado pelo século XXI é o imenso labirinto do Soma, da experiência corporal e viva dos indivíduos humanos.” [Corpos em Revolta, HANNA, Thomas, Edições MM], pois é o século onde o trabalho tem mais liberdade para ser executado, as escolhas são mais livres – apesar de não parecer-nos, em tempos –, e os indivíduos contemporâneos encontram melhores compreensões no que diz respeito às ansiedades, angústias, dores e prazeres que acometem seus corpos, analisando e retirando pesos do passado para desenvolver habilidades pouco exploradas até então.

Como explicado no tópico anterior, tais movimentos de análise e retirada fazem parte do funcionamento das amebas unicelulares, as quais encontram os movimentos de contração e expansão que existem dentro do nosso próprio organismo e em extensão analógica, podemos dizer que é o mesmo modelo de funcionamento da nossa capacidade de amar, criar e adquirir conhecimento.

Ora, não poderíamos deixar de participar do meio social e absorver tudo o que está a nossa volta, assim como as amebas que constituem as várias células que habitam nossos corpos e nossos arredores. Diferente das amebas, porém, podemos escolher perceber o que nos é tóxico e, assim, eliminá-los também. Freire compara essa articulação às práticas artísticas de pintura e escultura:

“Acredito que a Soma se parece mais com a escultura do que com a pintura. Na pintura, o artista acrescenta coisas externas (tintas) sobre a tela, para fazer surgir a imagem que deseja. Na escultura, o artista retira material excessivo e que encobre a figura que fará surgir no material escolhido e, para isso, não acrescenta nada exterior sobre ele.”

[SOMA, vol. 1, A Alma é o Corpo, 1988, FREIRE, Roberto, p. 42]

Tais movimentos de contração e expansão podem ser percebidos em maior escala no funcionamento do coração, que bombeia o sangue a fim de eliminar as toxinas e manter o corpo vivo; também nos pulmões que se enchem, oxigenando nossas células, e se esvaziam, eliminando o gás carbônico, que lhe é desnecessário e tóxico.

A bioenergia só veio a ser cientificamente comprovada no século XVIII, quando a sociedade ocidental resolveu especular em laboratórios o que os chineses já

vêm praticando a quase 5 mil anos. A acupuntura é hoje uma prática cientificamente comprovada, consistindo em aliviar tensões do corpo através da pressão de pequenos pontos espetados com agulhas. Seu funcionamento, estranho à primeira vista, tem como base a movimentação da bioenergia acumulada em nossos corpos.

As práticas orientais se desenvolvem de forma dinâmica que, por não praticarem a dissecação dos corpos, não dividem corpo e espírito pois representam uma unidade funcional ligada aos cosmos que os envolvem. Nessa visão os homens são nada além de um microcosmo dentro do macrocosmo, já que o equilíbrio baseado na alimentação e higiene sugere a organização das duas polaridades conhecidas como Yin – negro, sombrio, fêmea, receptivo, profundo – e Yang – brilhante, vermelho, macho, penetrante, celeste.

“O corpo humano é um sutil despendedor de energia, mas é sobretudo o local de transformação e harmonização dessas energias. O uso adequado das funções sexuais participa dessa arquitetura da vida humana no grande Tudo. Daí a arte taoísta consagrar muito o erotismo.” [SOMA vol. 1, p. 55]

Incluindo na Soma todas as extensões corporais físicas, afetivas, culturais, criativas e espirituais, não raro a prática se desmembra do campo da biologia, da filosofia e da psicologia para pensar também meios sociológicos e políticos. [SOMA vol. 1, p.38] Pela mesma razão Freire aponta: “Corpo e mente, para mim, é um contrassenso inadmissível.”, a Soma se ergue à anarquia e ao antipsiquiatrismo, pensando na horizontalidade das relações, afastando mais ainda o terapeuta de qualquer patamar superior que possa desestimular o cliente. “A mente não é a causa do funcionamento do corpo, nem é este que opera a mente; conceber as coisas desta maneira é acentuar o seu isolamento.” [SOMA vol. 1, p.39]

Assim como na Gestalt, pensar o dentro e fora como um continuum do tempo e do espaço, permite melhores articulações nas maneiras de lidar com os anseios do outro. Entender que o corpo responde à sua externalidade e que, assim, adquire melhor materialidade, devolve o controle ao sujeito que reprime a si

mesmo, por isso uma das características principais do pensamento somático é sua “postura intransigentemente *unicista*.” [SOMA vol. 1, p.39]

As práticas corporais convergem ao princípio de que a pessoa, enxergando suas auto sabotagens deixe de articulá-las em repressão por escolha própria, para que possa vir a seguir caminhos de livre escolhas. O próprio sentido expresso socialmente pela palavra “tesão”, na década de sessenta, possibilitou melhorar a compreensão acerca dos orgasmos, que podem ser libertos de forma saudável através da vivência do prazer, da alegria e da beleza que, auxiliadas e multiplicadas à experiências da vida lúdica, podem oferecer a distribuição dinâmica, harmônica e fluida da bioenergia orgânica de nossos corpos.

Freire descreve a *heterorregulação* como qualquer bloqueio que divide o sujeito e causa fraqueza, insegurança e incompetência; sempre externos e alheios, esses movimentos impedem a organicidade da distribuição espontânea de nosso organismo, reprimindo vontades essenciais que fazem desaparecer a pessoa que original e unicamente somos. A suposta maneira que deveríamos nos comportar socialmente é o cerne desta regulação instável, como o próprio prefixo dita, o masculino deve se diferenciar do feminino em instâncias maiores do que a genitália. Essa desconexa lógica ocidental atrapalha o sujeito que, em busca de aceitação, acredita ter algo de errado quando outras vontades, não participantes da “normalidade estética social”, começam a movimentar sua vida emocional.

Para além disso, analisando mais profundamente a sociedade, Freire fala sobre os privilégios sociais que permitem aos sujeitos não suportarem tais violações de originalidade. Tais sujeitos, não propriamente inseridos na cultura, podem meramente aspirar pela autorregulação espontânea e, incapazes tanto de enfrentar a autoridade da heterorregulação quanto de não se submeter a ela, passam a viver no intermédio perigo da vida, nomeada neurose. Os típicos sintomas descritos por Freud participam desse estágio. Ansiedade, angústia, depressão e fobia se traduzem para “Querer e não poder ser eu mesmo, querer

e não poder viver o meu tipo de amor específico, querer e não poder criar com liberdade em função de pulsações interiores (...)" [SOMA vol.1, p.45]

Claro, o médico conta sobre a realidade moderna, onde ascensões políticas estavam ligadas à capacidade de discernimento puramente acadêmico, quando sujeitos eram limitados a acessar o pensamento livre pelo eminente medo herdado da época ditatorial. Atualmente pautada em práticas semelhantes, a vida política retorna à necessidade de disseminação horizontal de tais práticas, se apoiando na crescente cultura que envolve a autorregulação almejada pela Soma.

“Não Apresse o Rio: Ele Corre Sozinho” é o diário onde Barry Stevens (1902-1985) relata a relação da Gestalt-terapia e os caminhos do Zen, muito embora a dialética se dilua entre aceitação e não-aceitação da Gestalt, que também refuta o sufixo “terapia”, a fim de explicar melhor suas práticas, transitando entre a própria aplicação clínica e seus relatos, e a autoanálise necessária para compreensão técnica.

Escritora de ficções científicas, Stevens recheia o livro com histórias fantásticas que falam muito sobre sua relação com o espaço-tempo. Em 1918 abandonou o ensino médio, entendendo que não era ali que obteria as respostas que procurava; passou a viver transitoriamente entre comunidades que, em sua maioria, tinham princípios indígenas, os quais validam a harmonia entre corpo e natureza. O diário de Barry é uma compilação de sensações muito bem descritas e diálogos com psicoterapeutas que tinham o mesmo interesse. Fritz Perls (1893-1970, Alemanha), fundador da Gestalt terapia, que tem seus últimos anos de vida descritos em *Não Apresse o Rio*, Carl Rogers, Bertrand Russell e Aldous Huxley têm extrema relação com as descobertas da terapeuta, baseadas nas atenções do trabalho corporal, despertando sensações através de movimentos que intercalam, artisticamente, as marcas que deixa nas páginas de seu diário, escrito em 1970.

Contemporâneos, Stevens e Freire traçam linhas terapêuticas muito semelhantes no que diz respeito a não aceitação de normas impostas e a

autenticidade corporal que atravessa o século XX. Mesmo que descritos a partir de pontos de vista diferentes – Stevens da América do Norte, e Freire da América do Sul –, as práticas se encontram no meio do caminho, tornando a distinção entre elas extremamente sutis.

A gestalt – Stevens diferencia Gestalt de gestalt –, percorre suas linhas através da procura do Zen que, assim como a Soma, carrega respiração, expansão e introspecção, atrelando a ênfase na responsabilidade pessoal do sujeito, além de mencionar o funcionamento de práticas artísticas, regidas pelo mesmo universo. O aqui e o agora permeiam ambas as práticas. Artisticamente apoiada pela escola Bauhaus, a Gestalt compreende o universo visual através do equilíbrio dos elementos que dele participam em conjunto, ou seja, a estrutura, a forma, a figura, a imagem.

Freire delicadamente descreve o preciso ponto de encontro das duas terapias através da autorregulação espontânea da bioenergia, que se corrige a todo momento de nossas vidas ao nos depararmos com situações que abrem múltiplas opções:

“A palavra alemã gestalt não tem tradução em português, mas significa a forma, o jeito, o modelo com que as coisas se apresentam hierarquicamente diante e dentro de nós, tanto física, quanto psicológica e emocionalmente. É o jeito e a forma que com que conscientizamos tudo o que nos acontece. E as gestalts são formadas por figura e fundo. Fundo seria a totalidade do que vemos, por exemplo, numa paisagem marítima. E figura, aquilo que escolhemos no fundo e o que nos interessa mais naquele instante por algum tempo – por exemplo o vôo de uma gaivota deslizando sobre o oceano. (...) Nessa cena tão simples e comum foi o puro prazer estético que me produz a ideia de vôo o que me fez abrir a gestalt na contemplação da ave no espaço e a saturação do mesmo prazer, o que me fez fechá-la depois de algum tempo.”

[SOMA, p. 50]

Para Soma, o amor é o que reverbera essa diferenciação pois, para além do aprofundamento do pensamento reichiano acerca das funções do orgasmo, o médico brasileiro acredita ser esse sentimento a maior fonte de equivalentes orgásticos. Freire deixa claro que para ele o amor é equivalente a figura, e a vida

é o fundo: “Isto porque sem o amor total não teria nenhum prazer em viver. Já escrevi, convicto, ser o amor, não a vida, o contrário da morte.” [SOMA vol. 1, p.50], essa frase aparece diversas vezes em sua trajetória, em “Cléo e Daniel” e “Coioite”, por exemplo, tornando quase impossível a refutação da ideia.

Perls define neurose como o estado de desenergização, de impotência e competência para devida realização da abertura e fechamento das gestalts. Freire se atenta a parte da gestalt que compreende a contemplação, utilizando técnicas derivadas de tais conceitos como exercícios de conscientização de como convivemos com nossas necessidades, prazeres e sonhos diante da heterorregulação imposta nos meios familiares e sociais dos sujeitos. Assim, a Soma sobretudo introduz essas práticas como metodologia para lidar com os materiais produzidos pelos clientes como forma de exagero do aqui e agora das sessões. Já que os gestaltistas não se preocupam com a heterorregulação familiar ou social, as críticas de Freire à prática se pautam justamente nessa dicotomia: enquanto neo-reichianos ignoram os fenômenos políticos das sociedades como despertar da desregulação energética.

Por essas razões, Stevens também se preocupava com o desenvolvimento da prática, já que, poeticamente descreve situações político-sociais que passou em sua vida:

“Não é muita gente que aprecia o fato de a minha falta de dinheiro ser uma escolha minha – não que fizesse muita diferença para os que não apreciam. Eu seria louca, em vez de estúpida, só isso, de *escolher* esta maneira. Eu gosto de dinheiro como todo mundo. Gostaria de ter montes de dinheiro. Só que não consigo colocar o dinheiro em *primeiro lugar*, exceto numa emergência. Há muitas poucas emergências reais. Eu me sentia mal em relação à essas poucas emergências até que li no *Panchatantra*: “Não se entregue à escassez excessiva (um pouco ajuda, em tempos difíceis).”

[Não Apresse o Rio: ele corre sozinho, 1978, STEVENS, barry, p. 63]

O esforço dos médicos era justamente o de reencontrar aspectos do cotidiano que nos façam querer lutar contra a imposição da heterorregulação como método preventivo para que não nos tornemos instrumentos de reprodução de

tais realidades sociais. Classificar *fazer análise* como um ato político me agrada, já que a constante crescente cultural aprisiona, invisivelmente, sujeitos contemporâneos a convicções que atrapalham o desenvolvimento social globalizado.

A Segunda Guerra Mundial foi essencial para o campo das práticas corporais, uma vez que movimentos emergidos desta época nos abriam para a nova noção de corpo. O movimento *Hippie*, por exemplo, exalta o clichê “faça o amor, não faça a guerra” com intuito de comunicar à população de que o corpo não está a serviço das Forças Armadas, da competição ou da produção industrial, tão comuns à mentalidade moderna. O deslocamento comportamental coloca o corpo no local das trocas, como espaço do prazer – dos uniformes militares à nudez, o movimento entende a batalha do corpo como alcance aos diversos tipos de prazer que o ser humano consegue abranger, distanciando a imposição à obediência e serviços violentos.

Indo também contra a maré da virtualização do corpo, que entende o corpo hipercivilizado como forçosa forma de manter a organização social, primeiro através das ginásticas, *bodybuiding*, e intensa higienização muscular, se expandindo para “a atualização temporária de um enorme hiper corpo híbrido, social e tecnológico.” [O Que é O Virtual?, LÉVY, pierre, 1996, p.33], uma vez que a contemporaneidade entende os corpos para além da matéria orgânica, propagando interconexões tecnológicas intensas.

O corpo *hippie*, por outro lado, devolve a visão que atribui revalorização fraternal, percepções de vida lúdica e objeto de entendimento sensorial e sensitivo, realocando a energia do prazer e potencializando as capacidades de nossos corpos. O movimento foi consumido pelo sistema capitalista, que pauta seu funcionamento na prática antropófaga, delegando que o modo de vida sensorial dos corpos *hippies* destruía o funcionamento social ético e moral das civilizações religiosas. Essa heterorregulação imposta fez com que modernas associações ecológicas surgissem a procura da harmonização da natureza com a vida dos sujeitos, pois o respeito à natureza é equivalente ao respeito do

próprio corpo. A bandeira se organiza utilizando as armas políticas e frestas democráticas para a reinserção da população na harmonia cultural que deixa de basear o *ter*, e passa a preferir o mundo do *ser*.

Auxiliados por vontades políticas os corpos começam a expandir suas vozes. O movimento feminista apresenta novas instâncias do corpo sensorial, extremamente diferentes do masculino corpo atuante educado a partir dos princípios de virilidade. O corpo do homem sendo ensinado desde criança a se comportar como um guerreiro violento, afasta qualquer tipo de sensação que o apresente sutilezas, relegando estes sensíveis funcionamentos ao corpo da mulher, eternamente visto como sofredor sob aspectos biológicos – a defloração, a menstruação e o parto foram as desculpas para impor a diferença dos sexos e reprimir o gozo feminino, desigualmente distribuídos entre os participantes masculinos da sociedade. Não é à toa que a histeria tem sua primordial reputação como um tipo de “doença que só acomete mulheres”.

O movimento vem favorecendo entendimentos outros que introduzem o corpo como fonte de emoções, de sentimentos e de inesgotáveis reservatórios imaginários, falando deste como um corpo para se viver, ao invés de se consumir. “Estar bem em seu corpo, sem ser meramente um corpo, viver seu corpo e o dividir sem submeter (...)” [SOMA vol. 1, p. 54] é uma das principais mensagens que tentam ainda libertar o funcionamento masculino da sociedade contemporânea.

Não é estranho que os movimentos são barrados justamente no âmbito sexual, tão erroneamente carregado através de dicotomias judaico-cristãs e antigas filosofias má-interpretadas que encaram o corpo como instrumento do *pecado*, considerando práticas viscerais e sexuais como desprezíveis e sujas. Atualmente gritante, a desigualdade com que tratamos o gozo ainda ecoa princípios político-religiosos conservadores que insiste na separação dos gêneros sociais, deveres e direitos, ignorando a excêntrica diversidade de corpos livres que habitam o mundo global.

O encontro entre corpos e política pode ser entendido a partir das reflexões de Willy Pasini (1938, Itália), psiquiatra italiano, que repensa toda estrutura social como um imaginário corporal. As lutas de classe muito dizem sobre a hierarquia das funções corporais, ressaltando a metáfora que organiza a política sob os aspectos do corpo público e do corpo privado. Dentre todos os sistemas – prisões, saúde, relações amorosas, etc. –, a prática de impressão digital como parte da identificação pessoal, faz com que o Estado se torne proprietário dos corpos e, nos sistemas totalitários, o slogan “o privado é público”, 1968, diz abertamente que o caráter libertário foi e continua sendo inexistente.

2. Afetos, Prazer, Gozo e Orgasmo

Falar de liberdade de expressão corporal me faz pensar sobre a sexualidade que, em muitos casos, é o ponto de partida do desenvolvimento das patologias contemporâneas. Os termos que dizem sobre afetos, prazer, gozo e orgasmo, permanecem na penumbra social, classificados como tabu em sociedades regidas por incentivos religiosos e patriarcais.

A experiência dos afetos, atualmente, tem sido degradada inúmeras vezes, afinal a crescente fusão tecnológica fez com que, erroneamente, desconectássemos o corpo da vivência diária. Por algum motivo fomos levados a acreditar que os sentimentos são mentirosos, exceto pela angústia. Não raro encontramos funcionamentos de indivíduos que preferem se sentir angustiados, procurando em toda parte por aquilo que, inconscientemente, faça a culpa aparecer, como bem propunha Freud. Quando o gozo se apropria da angústia, nos tornamos suscetíveis a agregar a inocente ideia de que as coisas ruins podem ser sentidas, as boas jamais poderão ter a mesma liberdade.

A primeira definição de gozo proposta por Jacques Lacan (1901 – 1981, França), fala da experiência do gozo como algo negativo, fala da insuficiência, inclusive linguística, que define o ganho primário dos sintomas. Lacan recorre ao termo “nó”, para identificar a formação daquilo que seria o contorno de modalidades de

satisfações – Freud chamava isso de *satisfação inconsciente*, mas essa relação traz, justamente, problemas linguísticos pois, o que é sentido como satisfação no inconsciente pode ser sentido como insatisfação no consciente, e vice versa –, portanto o psicanalista francês já parte do pressuposto de que haja uma perturbação nessa forma de entender tal funcionamento: a presença e ausência de dor.

No primeiro momento, o gozo é uma experiência da qual nos defendemos, apesar de ser uma experiência impulsiva. Para exemplificar, Lacan se utiliza do incesto para falar da fantasia, que seria responsável por eliminar a distância entre o objeto e o traço que ele deixa, fazendo com que voltemos, alucinatoriamente, a este mesmo traço. Devemos entender que Lacan divide o ser humano em três categorias: o real, o simbólico e o imaginário, portanto esse retorno (incesto) ao qual se refere, estaria ligado à parte imaginativa do ser humano, que faria a junção de tais lugares, o que seria impossível. Logo, a satisfação *mítica*, construída depois da linguagem, depois da castração e depois do complexo de Édipo, é produzida como a unificação da subjetiva sutura da definição humana.

Portanto, a ideia de gozo nasce daquilo que é inacessível, impossível de ser concretizado, “o gozo é interdito àquele que fala”, segundo Lacan, “só pode ser obtido na escala invertida da lei do desejo”, ou seja, a partir do momento em que o gozo começa a circular ao redor do objeto, se precipita um resíduo que, de forma invertida, fornece ecos do que seria o gozo.

Em “O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise”, 1955, Lacan escreve que os afetos são “Quantidades que vocês não sabem medir, que não sabem o que é, mas que sempre supõe como estando aí. (...) Esta noção quantitativa permite vocês unificarem as variações dos efeitos qualitativos e da coerência da sua sucessão.”

Baseando-se na semiologia para completar seus argumentos, Lacan fala da teoria dos afetos como níveis, onde, no primeiro nível, é a quantidade que se registra como prazer ou desprazer. A primeira classificação qualitativa passa

pela libido, quando temos os afetos experimentados no Eu: alegria, medo, raiva, dor, são exemplos do continuum que ultrapassam qualidades que atravessam o sujeito. Todos os afetos podem ser vividos com a repetição, com exagero, com excesso, como uma recuperação de afetos uma vez já experimentados, desde que se considere que esse afeto seja um correlato egóico da libido.

No mesmo Seminário, Lacan retorna à definição de gozo partindo da definição do processo social do gozo, ao qual se tornaria algo no âmbito do retorno, da repetição, do ressentimento. Assim, juntamente com a pulsão de morte, Lacan explica a estruturação da linguagem a partir desta mesma ótica. A noção de gozo se transmuta de sua forma dialética para encontrar sua forma ética, uma vez que a forma com a qual lidamos com o gozo não conversa com a forma com a qual lidamos com o desejo. Nesse momento o gozo se interlaça ao discurso que mantemos com o outro, restituindo o gozo perdido de maneira sistemática.

Do distanciamento dessas duas formas de gozo – a primeira sendo o “gozo-fálico”, e a segunda sendo “o gozo no nível do outro” – surge a ideia de que gozo se desloca para a noção do real. Nesse sentido, Lacan identifica o gozo no lugar do discurso, onde cada tipo específico de identificação resultará em um tipo de específico de discurso clínico (o excesso, o inominável, o traumático, o histérico, a angústia, etc), talvez referida como um campo de identidade onde o indivíduo se depara com a dissolução de si.

O ressentimento é o que liga o gozo à patologia dos afetos, o jeito com que partilhamos experiências é o jeito que nos colocamos no mundo e, assim como o próprio nome sugere, re-sentir está intimamente conectado a interpretação do externo, classificando o funcionamento do gozo como aquilo que acontece no *outro* e volta para quem sente feito exagero, transgressão e repetição – o excesso de prazer pode ser sentido como desprazer. Se estamos habituados a viver através de memórias, inconscientemente estamos procurando sentir o que uma vez foi sentido, perseguindo o rastro de felicidade que uma vez nos atravessou, tentando alcançar o gozo novamente.

O problema de falar de gozo, de gozar, é a imagem que encarcerou o sentido da palavra. Corpos objetos invadem a ideia de gozar. Afastam e distanciam as tantas outras formas que existem, justamente pela primeira camada interpretativa que pensa que gozar tem a ver com quantidade e não qualidade. A sociedade parece procurar a exaltação do sexo, já que é a única imagem que se atrela ao gozo, quando tentamos esmiuçar o assunto. Assim, unificamos as variantes sentimentais, e ignoramos o fato de que o prazer, em excesso, se transmuta para desprazer: É o prazer que delimita o gozo.

A leitura do prazer conhecida socialmente diz que hoje o relacionamos com a felicidade, que deve aparecer em maior quantidade, o mais rápido possível, a todo momento. Assim como propunha Epicuro (341 a.C – 270 a.C, Grécia) em seus *Quatro Remédios*, o prazer está intimamente ligado à felicidade: Não deveríamos ter de procurar excessivamente pelo prazer se ele não estivesse tão ligado à imediaticidade de satisfação de tais afetos, respeitando, sobretudo, os impulsos que nos carregam. Poderíamos sempre nos readaptar à dor que experienciamos se falássemos das outras formas de compreensão dessas palavras. Não falar de tais formas prende a sexualidade do mesmo espectro. A dor consiste justamente em velar a criatividade partindo do sexual.

Ora, se o gozo é sentido por corpos objetais – ou seja, aquilo que só podemos sentir através do corpo –, os afetos estariam, primordialmente, dentro daquilo tudo que nos afeta, meramente ecoando para as pulsões, que muitas vezes não sabemos nomear. Existe um lugar onde a palavra limita o entendimento da sensação.

Se tudo o que acontece no corpo tem verdade e autenticidade que são estranhas à linguagem, sensações intermediadas por aparelhos tecnológicos, hoje, negam o corpo; negam que sobressaiam sentimentos que não são entendidos. Controlar virou a febre necessária para prender os corpos dentro de ambientes que ainda se comunicam com o exterior. Sentimentos independem das distâncias. Estamos realmente sentindo em conjunto aquilo que permeia

nossos corpos, ou estamos recriando sentimentos que foram perdidos? O sentimento se perde por incapacidade de nomeação.

Muito provavelmente a repetição de comportamentos deixa de encontrar novas formas, porque não pôde fluir para melhores, mais bem estruturadas, socialmente estranhas, pessoalmente negadas pela falta de nome. Encontrar outras dinâmicas parece ser impossível. Existe uma parte do ser humano que não lida bem com coisas que não podem ser estritamente explicadas, com irrevogável linguagem formal, assim, os afetos todos são mediados pela linguagem.

Nosso corpo simbólico, segundo Lacan na entrevista *Radiophonie*, 1970, está infestado de afetos distintos e acaba engolindo o desconhecido por se interpenetrar nos significados de afetos que já conhecemos, que sabemos o nome. “Volto ao primeiro corpo: o corpo simbólico, que convêm entender como nenhuma metáfora. Prova disso é que nada, se não ele, isola o corpo a ser tomado no sentido ingênuo. Isto é, aquele sobre o qual, o ser que nele se apoia não sabe que é linguagem que o confere.”

Vivemos na atualidade completamente cercados pela estimulação dos ressentimentos. Politicamente, isso se torna muito evidente. Ler livros de história já não basta: os sentimentos, recaídos sobre a sociedade lembram o medo, a culpa, a coragem dos nossos antepassados. Assim, virtualizarmos os sentimentos: a própria repetição daquilo que sentimos uma vez pode estar defasada, e não nos permitimos encarar de frente o objeto de nossa dor.

Como já descorri brevemente sobre a dor durante o primeiro capítulo deste artigo, volto a mencionar Epicuro para elucidar este pensamento, o relacionando ao prazer. O filósofo grego propôs que o terceiro remédio para a vida fosse: “A dor não é uma realidade”, porém a dor é ou um estado extraordinário e passageiro, ou crônica – e quando crônica há a habitualidade de ser sentida.

A cada momento de dor, temos como apoio recursos como a memória, podendo reencontrar o “estado normal” da nossa vida: justamente o estado de adequada fruição da nossa sensação e, assim sendo, do prazer.

Freire comenta sobre os bloqueios introjetados no Superego como o advindos do outro, ou seja, aceitamos, por medo da dor, da morte, do amor, proteção e da segurança, comportamentos influenciados por outros participantes de nossa vida ativa. Ao contrário de Freud, o psiquiatra não acredita que a necessidade de prazer surja através das motivações perversas, sádicas ou masoquistas, pois não parece ser viável o *modos operantis* de que o alcance da realização do prazer biológico tenha haver com limitar a liberdade, intensidade ou qualidade do prazer do outro.

O princípio de morte que, de acordo com Freud, é oposto ao princípio ou instinto de prazer, não tem as mesmas características nas práticas Somáticas, isto porque o princípio de realidade – que controlaria, domesticaria e orientaria a vida do homem em sociedade – não tem lugar no entendimento político da prática. Na psicanálise o princípio de realidade tem por função combater o instinto de morte, ligado ao princípio do prazer com intuito de deformá-lo, impedindo que o indivíduo busque o prazer por ele mesmo, o associando às dores do sadismo e do masoquismo de forma a controlar os impulsos animais que limitam a liberdade individual de cada sujeito social.

O conceito de realidade procurado pela Soma diz respeito à melhor liberação dos impulsos autorreguladores naturais, denunciando a heterorregulação da espontaneidade humana do exercício do princípio do prazer como fonte da neurose. O médico propõe que passemos a descobrir um princípio de realidade que derive, de fato, de naturezas e organizações sociais não autoritárias, tornando-o, portanto, fundamentalmente libertário, atuando sobre o princípio do prazer de modo a respeitar as necessidades individuais de cada pessoa, supondo que o maior prazer humano seja a liberdade social, a função da liberdade pessoal, podendo ser garantido, inclusive, pelos outros, isto porque “para a Soma, só o real, o real autopercebido e autovivido, produz prazer, ou seja, o prazer é a autopercepção e a autonomia vivida.” [SOMA, v. 1, p.126]

Não entendemos a falta de criatividade, o famoso “bloqueio criativo”, como castração social. Mal conseguimos entender que a sexualidade muito pouco tem

a ver com os órgãos genitais. A *sexualidade* pouco fala dos orgasmos, aqueles que ainda não entendemos como orgasmos: Tomar café em fim de tarde chuvosa; caminhar pela rua durante o clima favorito; observar um ninho de pássaros nos galhos de árvores, por exemplo.

A inspiração deveria vir de todos os lugares quando a sexualidade, bem entendida, está bem localizada e organizada. Isso demanda a desconstrução do sentido. Alterar o sentido de uma palavra pode ser um tanto caótico. A energia criativa, engloba o gozo na vida a partir de outras instâncias. A relocação dessa energia, vem justamente da destruição da linguagem.

Se não sei nomear aquilo que sinto, tem algo estranho com a sociedade, que prefere muito mais nomear do que sentir. Prender ao invés de liberar qualquer energia que seja tóxica e que, algumas vezes, não podendo participar de certos momentos da vida, castra a expressão. Os afetos são vividos no corpo; são vividos como se estivessem aquém ou além da linguagem, mas na verdade eles estão estruturados e condicionados pelo simbólico, assim como a fala, a expressão artística muito revela sobre o não dito, não descrito, não tocado.

2.1 Arte, Linguagem e Sexualidade como abordagens clínicas

Como brevemente descrito no capítulo 1.3, tanto a Soma, quanto a Gestalt levam em consideração o fazer artístico como modo de libertação de energia psíquica e física; no sentido proposto por essas técnicas, a arte seria uma forma de autorregulação da energia libidinal que, na visão psicanalítica, atua precisamente na instância da sexualidade, que seria o instrumento que coloca o indivíduo em contato com o mundo.

Me atento em demasia aos significados e significantes dentro da conjuntura artística, pois a linguagem visual se baseia inteiramente de acordo com esses polos, levando em conta a semiótica como principal objeto de estudo para que peças visuais possam ser interpretadas, não muito distantes da própria psicanálise, nem de como a atuação clínica se desdobra na atualidade já que, muitas vezes, o cliente não diz exatamente o que o aflige através da fala, e sim através de subjetividades que lhe são próprias e cabe ao analista saber articular a escuta ativa para todas as instancias que possam se manifestar.

Lacan, ao analisar James Joyce (1882-1941, Irlanda) no *Seminário 23: O Sinthoma*, 1975, diz que “A Obra de Arte é o excesso pulsional”, e o que interessou a Lacan foi o tratamento que Joyce deu a seus textos: há algo de ilegível no que está escrito, ou seja, há lapso no que se lê. Ainda no Seminário 20, Lacan já escrevera sobre Joyce, antecipando o que viria a compreender mais tarde:

“Mas o que é Joyce, o que é? É exatamente o que eu lhes disse há pouco: é o significante que vem se infiltrar no significado. É com isso que se produz algo que, como significado, pode parecer enigmático, mas é realmente o que há de mais próximo daquilo que nós, analistas, graças ao discurso analítico, sabemos ler. É o que há de mais próximo ao lapso. E é a título de lapso que isso significa alguma coisa, ou seja, que isso pode ser lido de uma infinidade de modos diferentes. Mas é justamente isso que isso se lê mal, ou se lê ao contrário, ou não se lê, mas essa dimensão do “se ler” não será suficiente para mostrar que estamos no registro do discurso analítico? E que aquilo de que se trata, no discurso analítico, é que é sempre ao que se enuncia como significante que vocês dão uma outra leitura, que não o que ele significa?”
LACAN, Jacques, *O Seminário: Livro 20, MAIS, AINDA*, 1973

O sintoma na psicanálise se define pelo modo como o indivíduo se relaciona com o comportamento que é a relação de linguagem, em outras palavras, através do duplo-sentido. Isto acontece porque os sintomas se estruturam como linguagem, no modo de metáforas – o sujeito que teme algo, teme o nome do algo e não o algo em si – além de ser caracterizado pelo modo de relação que o sujeito estabelece com o outro, ou seja, na transferência. Na análise, essa relação é reelaborada e, portanto, existem muitos modos de reelaborar essas relações sintomáticas que podem partir da história de vida, da família, da cultura do sujeito. A psicanálise entende o sintoma como uma “espécie de obra de arte criada pelo sujeito para dar um destino para aquilo que ele não consegue dizer de outra forma” [DUNKER, christian em O que é “sintoma” para a psicanálise? <https://www.youtube.com/watch?v=bGgyJhQDyMM>].

Roberto Freire explica que, no seu ponto de vista, o Inconsciente é a parte do Ego que foge à consciência. O Ego se utiliza do material consciente disponível para alimentar seu relacionamento com o real da vida naquele instante, arquivando o resto na memória. Logo, o Inconsciente pertence à experiência da espécie (como patrimônio coletivo, adquirido geneticamente), e só pode ser acessado através do movimento “indireto e involuntário, através das paixões, do que chamamos de intuição, da memória dos sonhos, de nossos incontroláveis e insaciáveis desejos de amor, aventura, liberdade e, sobretudo, quando liberamos nosso potencial criativo.” [p. 123], acrescentando, ainda, que o posicionamento das técnicas antipsiquiátricas carrega o fenômeno político adotando a loucura como aquilo que é fabricado pela sociedade e como o algo que pode ser curado [p. 130]

O sintoma na análise, diferentemente de outras formas de entendimento, não é algo que precisa ser retirado do sujeito e sim, algo com o qual o sujeito pode aprender a lidar – ou em outros casos, aprender a não conviver diretamente com o sintoma que causa sofrimento.

De volta a Lacan, devo atentar-me ao texto *Subversão do Sujeito*, 1998, o qual se elabora a ideia de que o plano em que se atua a pura articulação do significante é o inconsciente, e o conteúdo do inconsciente é da ordem do significante, logo, o significante muitas vezes não pode ser pronunciado. Subverter a existência é, então, o suportar a si mesmo e o “fim de uma análise” pode ser determinado quando o sujeito pode ou consegue não se levar tão a sério, quando o abrigo de sua humanidade, de sua loucura e de sua tragédia podem participar livremente de seu modo de agir no mundo, elevando a vida em toda intensidade e extensão da situação que se apresenta.

Assim, encontro no livro *Cartas a um Jovem Poeta*, de Rainer Maria Rilke (1875-1926, Tchéquia), a resposta do poeta à Franz Kappus (1883-1966), em 23 de abril de 1903, a descrição perfeita para o entendimento da sexualidade em conjuntura à criatividade:

“O senhor o caracterizou muito bem com as palavras: "Viver e escrever no cio". De fato a vivência artística está tão inacreditavelmente próxima da vivência sexual, de sua dor e de seu prazer, que os dois fenômenos na verdade constituem apenas formas diversas de um mesmo anseio e de uma mesma ventura. Se, em vez de cio, pudéssemos dizer sexo, em um sentido elevado, amplo, puro, não afetado por nenhuma suspeita equivocada por parte da Igreja, a sua arte seria grandiosa e infinitamente importante. Sua força poética é intensa como um impulso primitivo, ela possui alguns ritmos próprios violentos e jorra como que de uma montanha. Contudo, parece que essa força nem sempre é sincera e sem vaidade. (Mas essa é mesmo uma das mais difíceis provações para o criador: ele precisa permanecer sempre inconsciente, desprevenido de suas melhores virtudes, caso não queira tirar delas a inocência e a integridade!) Quando então, irrompendo em seu ser, essa força chega à sexualidade, não encontra ali um ser humano inteiramente puro, como necessitaria encontrar. Há ali um mundo sexual que não é totalmente amadurecido e puro, um mundo que não é suficientemente humano, apenas viril, que é cio, embriaguez e intranquilidade, carregado com os velhos preconceitos e vaidades com que o homem deformou e sobrecarregou o amor. Como ele ama apenas enquanto homem, não enquanto ser humano, há em suas sensações sexuais algo restrito, aparentemente selvagem, enraivecido, temporário, efêmero. Essa arte não é destituída de máculas, ela é caracterizada pelo tempo e pela paixão, pouca coisa dela há de durar e permanecer. (Mas a maioria das formas de arte é assim!) [...]"

Cartas à Um Jovem Poeta, 1929, p.37-38

Considerando o fato de que o fazer artístico está intimamente ligado à capacidade do sujeito de desenvolver livremente seu modo de ser no mundo, acredito que abordagens clínicas possam se expandir para o meio artístico, colocando em pauta muitos funcionamentos psíquicos que permanecem velados nos comportamentos do existir enquanto ser humano, respeitando todas as diversidades funcionais e trazendo à luz assuntos que, muitas vezes, não chegam à indivíduos que não encontram a clínica psicanalítica para desenvolver suas neuroses, angustias, dores, e qualquer que seja o âmbito frágil que participe de seu funcionamento próprio. Isto porque a linguagem poética, muitas vezes mais sutil do que a linguagem clínica, tende a alcançar explicações mais concisas, e mais simples, que possam alcançar um número maior de indivíduos sociais.

A artista multimídia LUMANZIN (1996, São Paulo) expressa de forma clara conceitos psicanalíticos em diversas faixas de seu álbum *Quarentena*, 2019, ampliando a compreensão de modos de ser que são inerentes aos indivíduos sociais, mas que, muitas vezes passam despercebidos e que podem ser a causa do desenvolvimento das neuroses contemporâneas. Em *idealizAção*, a artista explica:

“Idealização é um processo natural, já que a gente tem um milhão de referências durante a nossa criação. E um belo dia, eu conheci a minha, e ela estava no outro – no masculino mesmo –, mas tudo o que ele era, e os lugares que ele chegou, na verdade, eu queria para mim mesma, mas eu como outra – no feminino mesmo –, sempre fui ensinada a projetar essa idealização em um parceiro.”

Assim, compreendo a comunicação linear das práticas artísticas como alternativa à solução clínica praticada individualmente. Entendo a potência das análises clínicas como desvendamento daquilo que pode ser melhor decomposto dentro da sociedade global, alcançando explicações desconexas causadas por tudo aquilo que não discutimos enquanto seres sociais, cada vez mais distantes uns dos outros, aumentando a possibilidade do desenvolvimento de neuroses, ansiedades, angústias e dores. Expandir o campo clínico é, para mim, essencial – até para que saiam da penumbra assuntos essenciais para o desenvolvimento individual.

Enxergo o desinteresse pela sexualidade em sua forma social como àquilo que castra o sujeito, impedindo que este encontre sua forma libertária de agir no mundo, e como descrito até aqui, defendo as práticas artísticas como o modo essencial para o desenvolvimento livre de tais pulsões. O meio artístico se desenvolve paralelamente ao meio social, e a linguagem participa em mesma intensidade. Não é de hoje que o vocabulário social pede mudanças e muda, aos poucos.

Foi dentro do meio artístico que a androgenia ganhou corpo, voz e palavras. Hoje enfrentamos a maior crise linguística dos últimos tempos, onde algumas palavras presentes no português vem sendo alteradas para melhor abrigar os corpos que se comunicam. A não-binariedade é um fenômeno derivado da luta trans, e é muito mais complexo do que aparenta, à primeira vista.

Na recente série “Todas as Mulheres do Mundo”, disponibilizada pela Globoplay, produzida em homenagem ao longa de mesmo nome, 1966, de Domingos de Oliveira (1936-2019, Rio de Janeiro), traz adaptações para o universo contemporâneo, optando por inserir assuntos tabu na sociedade. O tema da não-binariedade é abordado logo no segundo episódio, trazendo a personagem Adriana – mulher, 21 anos –, como alguém que está descobrindo sua sexualidade, inserindo os termos “linde”, “gostose”, “bonite” no universo personagem principal, Paulo – bem mais velho que Adriana –, levantando questões importantes no início do episódio:

A: “Estou repensando umas coisas: ser mulher cis-gênero, num relacionamento fixo, heteronormativo, monogâmico... Não sei... Não é. Já foi, né?”

P: “Bom, metade das coisas que você falou eu não entendi.”

Depois da conversa o personagem passa a inserir as palavras com “e” no final, totalmente fora de contexto, denunciando a dificuldade de compreensão. Num outro momento, ainda, Adriana informa Paulo de que

A: “O problema não é como você me chama, é como você me vê. Paulo, eu adoro você, só que estou saindo com uma garota, e ela tem um namorado, e a gente está saindo à três.”

P: “Mas você está terminando comigo, ou me chamando para uma orgia?”

A: “O que você chama de orgia, eu chamo de poliamor.”

O fato de uma série nacional de grande audiência explicar assuntos como este é de extrema importância, mesmo que não toque precisamente no funcionamento formal dos termos. Inúmeras pesquisas acadêmicas têm procurado explicar tal fenômeno de formas simplificadas, colocando em pauta discussões importantes tanto no universo social, quanto linguístico. A bandeira Não-binária carrega quatro cores: a faixa amarela representa gêneros fora do masculino e feminino; a branca, gêneros múltiplos (trigêneros, poligêneros, etc); a púrpura, gêneros masculino e feminino misturados; e a preta, ausência de gênero.

É importante ressaltar que dentro da categoria “gênero”, três categorias se incluem. A identidade de gênero se refere à percepção da pessoa sobre si mesma. A orientação sexual diz sobre a atração, ou relação emocional, afetiva ou sexual, pelo outro. A expressão de gênero fala sobre como a pessoa se

expressa por meio de vestuário, acessórios, estilos de cabelo, formas de falar, linguagem corporal e outros aspectos que englobem escolhas de aparência.

Existem pessoas não-binárias que tem a expressão de gênero pautadas muito mais do masculino ou feminino, mas não é a expressão que pode dizer como a pessoa se classifica, pois isto só pode ser dito pela própria pessoa e para isso, devemos perguntar. Entretanto, a não-binariedade vai além da dualidade dos termos masculino e feminino, pois o tipo de linguagem adotada pela comunidade pretende englobar e respeitar pronomes escolhidos pelo próprio indivíduo. As pessoas bigênero se identificam como tendo dois gêneros (ela/ele, ele/eles, elas/elus, ele/elus, etc.), porém tais gêneros, não necessariamente, classificam homem ou mulher. As pessoas agênero não possuem gênero definido, podendo muitas vezes experimentar a fluidez de gênero (eles, elas, elus, ela, ele). As pessoas andróginas são as que se identificam com o que seria a mescla do gênero masculino e feminino.

Apesar da não-binariedade ser pautada na escolha de pronomes, ainda existem alguns adeptos que não usam o sistema de neutralização das palavras (e/u), podendo muitas vezes utilizar os pronomes “a” e “o”, bem como mesclar entre “a/e”, “o/e”; inclusive podendo mesclar os três tipos de identificação.

A neutralização das palavras é um fenômeno surpreendente, pois a língua portuguesa é extremamente machista, tendo muitas vezes palavras inteiramente no masculino e outras somente no feminino. O esforço das pesquisas se pauta na mudança de mentalidade perante a identificação de tais palavras, como no inglês, por exemplo. Alguns exemplos de linguagem neutra podem ser exemplificados:

Linda(o)	Linde
Todas(os)	Todes
Amiga(o)	Amigue
Irmã(o)	Irmane
Nosso	Nosse
Um(a)	Ume
Meu(s)	Mis
Minha	Minhe
Seu(s)	Sue(s)

Erroneamente, algumas pessoas incluem X ou @ no final das palavras para tentar aplicar a neutralidade, entretanto esses símbolos não são pronunciáveis, por isso a comunidade binária opta por incluir as alternativas de gênero no vocabulário diário, ou então simplesmente excluir artigos das frases:

Tanto **O** Jonas quanto **A** Valentina tem olhos azuis
Tanto Jonas quanto Valentina tem olhos azuis

A sua namorada
A pessoa com quem você namora

Estou muito cansada
Estou sentindo cansaço

Essas informações são muitas e, na maioria das vezes, causam extrema confusão, mas os esforços linguísticos sempre ocorreram na evolução da língua (vosmecê – você, por exemplo). O período de evolução da língua portuguesa, entre XIV e XVI, foi caracterizado pela expansão do império português através das navegações que proporcionaram contato com outras línguas, espalhando-se por diversas partes do mundo. Diferentemente, a atualidade contemporânea lida com muito mais contato globalizado, pela sempre presente evolução tecnológica, assim, as influências linguísticas, além de esforços sociais, são esforços de melhor expressão sexual, onde corpos entendem a individualidade que os acomete e, por isso, pretendem se inserir no mundo com respeito e exigindo respeito dos indivíduos com quem convivem. Isso pode ser percebido através do mote não-binário que diz: “O seu papel como amigão, familiar ou conhecido é respeitar os pronomes e contribuir para a saúde mental do outro.”

De semelhante complexidade são os processos amorosos que se tem explanado na sociedade – que sempre existiram, mas que eram velados. O fato de a sexualidade estar hoje inserida em contextos que podem ser debatidos abertamente, abre o leque para melhor repensar a sexualidade imposta através do casamento religioso e socialmente rígido.

O movimento artístico Rococó (sec. XVIII), dentre todas as suas particularidades, buscou, através da pintura, retratar de forma lúdica a busca da felicidade, alegria e sensualidade da burguesia. O período, chamado de “época das Luzes”, foi sucessor de um período marcado por governos centralizadores e autoritários que desencadearam, de forma moderada, a expansão da sexualidade, representada nas pinturas como encontros amorosos e insinuadores de amantes se encontrando às escondidas para cometerem adultério, que levaria, posteriormente, a felicidade plena do casal que se unia por puros interesses econômicos.

As buscas amorosas contemporâneas ganharam força através do livro do sociólogo Zygmund Bauman (1925-2017), intitulado *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*, 2003, onde o sociólogo apresenta teorias sobre relações que se dissolvem de uma hora para outra, atrelando à modernidade líquida o fato de que ideologias, discursos e instituições se entrelaçam em algum ponto, fazendo com que formas seguras deixem de existir, já que a certeza não participa mais da configuração socio-capitalista dos seres contemporâneos, assim, o objeto deixa de ter valor próprio, deixa de ter valor para mim e passa a ter valor para que possa ser trocado. Neste sentido, passamos a pensar sobre o valor que tal coisa agrega, ou qual valor aquilo pode me trazer, o que posso ganhar, ou perder. Logo, o outro também passa a ser objeto de troca.

Em contrapartida à falta de estabilidade proposta por Bauman, onde o amor passaria a não ser regido pelas regras monogâmicas, por exemplo, surgem o Poliamor, a Relação Aberta e o Amor Livre. O Poliamor é caracterizado pela troca amorosa e sentimental, à nível de relacionamento, com o consentimento de todas as partes envolvidas. A Relação Aberta, diz sobre os relacionamentos amorosos tidos por algumas pessoas consentidas, mas com a possibilidade de troca sexual e sentimental com outras pessoas. E o Amor Livre carrega a ideia libertaria da forma de amor, muitas vezes negligenciando as partes envolvidas, pois a liberdade implica a não satisfação para o outro.

Em todas essas formas de relacionamento, o sujeito enfrenta a si mesmo na busca da prática amorosa que melhor condiz com a sua própria experiência, ou fantasia do que seria o melhor para si. Aqui a responsabilidade afetiva está em jogo, e tal responsabilidade demanda que experiências analíticas sejam postas em pauta, felizmente trazendo a clínica para dentro do universo contemporâneo como parte essencial da descoberta de si, para que o outro não seja magoado, por mais complexo e delicado que estes assuntos possam parecer.

Conclusão

A arte terapia teve inúmeros desdobramentos de sucesso durante suas práticas. Nise da Silveira (1905-1999, Alagoas), dedicou sua vida ao tratamento clínico de perturbações mentais, manifestando-se radicalmente contra às práticas impostas dentro de hospitais psiquiátricos. Aluna de Carl Jung, Nise foi pioneira no desenvolvimento de práticas artísticas no tratamento de pacientes esquizofrênicos tendo, inclusive, inaugurado O Museu de Imagens do Inconsciente e a Casa das Palmeiras, no rio de Janeiro. A Casa abriga práticas clínicas voltadas para reabilitação de pacientes psiquiátricos onde, diariamente, eram impulsionados a exercer as diversas vertentes da criatividade, visando a reintegração à vida em sociedade.

Durante o segundo semestre de 2019 e um pouco antes da Reclusão Social em 2020, ministrei algumas aulas de Artes em uma Escola Livre com proposta lúdica durante o contraturno para crianças de 6 a 12 anos pertencentes à classe média alta da sociedade paulistana, regularmente matriculadas em escolas tradicionais, em sua maioria, com orientação religiosa católica.

O universo lúdico da arte abstrata, me permitiu mapear funcionamentos infantis de possíveis patologias em desenvolvimento, tendo aberto diálogos diretos com coordenadoras, a fim de encontrar melhores formas de abordagem para agregar a clínica dentro de minhas aulas. Percebi durante os primeiros meses que a competitividade era extremamente presente no universo de meus alunos,

recorrentemente classificando o que o outro fazia como “melhor e mais bonito”, ou então como “feio”.

Através do rabisco, pedia para que os alunos explorassem as diversas formas de desenhar com o corpo e o resultado foram encantamentos direcionados aos colegas que despercebiam a técnica do desenho e encontravam melhor fruição para suas emoções. Se um aluno, por exemplo, estava chateado, produzia riscos leves e contínuos por toda a folha de papel; se estava irritado, o papel era rasgado; se estivesse feliz, a participação de cores era extremamente presente. O que notei durante as aulas foi a dissolução da competitividade do universo infantil, em poucos meses os alunos passaram a co-criar e adotaram olhares críticos direcionados para a produção dos colegas, muitas vezes oferecendo-se para auxiliar no desenvolvimento de seus exercícios.

Durante a prática do auto-retrato encontrei em dois alunos a castração social e pude desenvolver conversas lúdicas que auxiliaram, inclusive, a convivência dentro do ambiente familiar. Um dos alunos, B, menino, de 9 anos, passou a se retratar como um “pato gay” que sempre tinha a boca cortada e o membro genital dissociado do corpo; no primeiro retrato, o “pato” estava sendo morto à tiros por um caçador e, quando questionado sobre o porquê da chacina, respondeu que “o pato ia morrer de qualquer jeito, o caçador estava sempre pronto para matá-lo”. Na aula sobre a representação dos sonhos, B me contou, em voz baixa, que noites atrás um “amigo” tinha ido até sua casa e durante a noite o acordara para irem juntos até o banheiro onde o colega mostrou seu pênis e pediu para que fosse tocado. A partir daí desenvolvi, junto com a coordenadora da escola, métodos para melhor abordar o assunto com os pais do aluno e logo a analista de B foi até a escola para analisar os desenhos produzidos.

L, menino, de 9 anos, só gosta das práticas com argila, mostrando grande entusiasmo ao produzir esculturas, as quais aplica grandes quantidades de água. L possui intensa personalidade afetiva, gostando muito de abraços e carinho, e é extremamente inteligente, terminando as lições de casa

rapidamente. As esculturas de L sempre trazem formas fálicas, e sua mãe sempre ligava para a escola quando via que o garoto acordava com comportamento agressivo. Numa das aulas desenvolveu três esculturas e pontuou que os falos representados eram: o filho – de porte mediano –, o pai – de porte grande –, e o avô – de aparência murcha. Ao ver as esculturas, a coordenadora temeu que o garoto estivesse sofrendo algum tipo de abuso, o que comentei de volta dizendo que ele apenas estava percebendo a diferença entre os corpos que conhecia. Com o passar do tempo os comportamentos agressivos de L passaram, e ele sempre se animava para participar das aulas de arte.

M, menina, de 9 anos, se interessa muito por assuntos que envolvam “beijo na boca”, e no dia dos namorados a sala, conversando sobre o que era o amor, M comentou que “o amor as vezes dói, porque quem você gosta pode não gostar de você de volta”. Dias depois, em segredo, me contou sussurrando que já havia beijado meninos, mas que gostava mais de meninas. Questionei se já havia falado sobre isso com seus pais, ao que me foi dito que eles “são bravos demais para falarem sobre isso”.

Análises como essas me fazem perceber que a sexualidade participa ativamente da vida das crianças e que, de encontro ao material lúdico, podem discorrer e tirar dúvidas que muitas vezes não são sanadas no ambiente familiar. Também noto que o melhor desenvolvimento das práticas artísticas faz com que as crianças desvinculem o interesse sexual genital, passando a adotar comportamentos mais afetuosos com os colegas, incentivando a produção do outro, ativando a escuta empática. O que ensino nas aulas, além das práticas mencionadas, é o direito sobre o corpo do outro que, quando comecei a lecionar, era extremamente agressivo; com o passar das aulas, comentei que o corpo do outro só deveria ser tocado caso o outro permitisse e que, para isso, era preciso perguntar se o outro estava ou não disposto a receber o toque. Essa informação desencadeou melhor relacionamento entre as crianças: “M, posso te abraçar?”, “R, você se importa se eu mexer no seu cabelo?”, o ambiente, antes caótico, vem aos poucos sendo mais aprazível.

Além de todos estes relatos encontro nas crianças um extremo interesse político. Nas aulas teóricas sobre movimentos artísticos a maioria se mostra bastante inteirada no cenário brasileiro, levando em conta, inclusive, relacionamentos homoafetivos ou múltiplos com muito boa compreensão, afirmando sempre que a escolha de amar é individual e deve ser respeitada, inclusive no que diz respeito a nomenclatura não-binária que alguns alunos adotam, como V, de 12 anos, que prefere ser chamada pelo pronome “eles”. A diversidade tecnológica das quais as crianças participam são extensas, englobando assuntos que podem ser difíceis para a maioria dos adultos, mas que caminham muito bem no desenvolvimento infantil. Entendo que o ambiente em que pude desenvolver e observar tais comportamentos pertencem a uma pequena seleta parcela da sociedade, muito distante da realidade encontrada nas escolas regulares, que ainda caminha no sentido da castração social, sexual e criativa da infância, principalmente se levarmos em consideração as novas diretrizes e bases acadêmicas impostas pelo Ministério da Educação do governo atual, que pretende pautar as normas heterorregulativas, cada vez mais intensas, com intuito de priorizar a exclusão e não a inclusão social.

Assim, concluo este artigo sabendo que a prática artística não pode ser desvinculada da prática social, e pretendo continuar a desenvolver pesquisas no campo clínico que abordem a expressão artística corporal relacionando a livre expressão da sexualidade, levando em consideração todos os pontos mencionados ao longo do artigo, de que a sexualidade é a livre circulação da expressão e que, o desenvolvimento político-social precisa do respiro artístico para melhor compreensão das castrações impostas pelo sistema globalizado. Levando em consideração, também, que tendo focado na descoberta da prática Somática como ponto de partida para estudos posteriores, não pude me concentrar em técnicas aplicadas por Winnicott, como a técnica do rabisco, ou de Françoise Dolto, por exemplo, que só vim a conhecer recentemente.

Referências bibliográficas

DUNKER, christian. O Que É “Sintoma” Para a Psicanálise. [Online]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bGqyJhQDyMM>>. Acesso em: maio, 2020.

DUNKER, christian. O Que Quer a Psicanálise. [Online]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gp161L3ztaU>>. Acesso em: fev, 2020.

DUNKER, christian. Para uma Concepção Discursiva dos Afetos. [Online]. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pcp/v38n1/1414-9893-pcp-38-01-0172.pdf>>. Acesso em: abril, 2020.

DUNKER, christian. O Que é Gozo Para Lacan [Online]. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pcp/v38n1/1414-9893-pcp-38-01-0172.pdf>>. Acesso em: abril, 2020.

FREIRE, roberto. SOMA: Uma Terapia Anarquista, Volume 1, A Alma É O Corpo. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

FREIRE, roberto. SOMA: Uma Terapia Anarquista, Volume 2, A Arma É O Corpo (Prática da Soma e Capoeira). Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, 1991.

FREIRE, roberto; DA MATA, João. SOMA: Uma Terapia Anarquista, Volume 3, Corpo a Copo (A Síntese da Soma). Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, 1993.

NAGEM, glaucia. Joyce, o Sinthoma [Online]. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2014000200007>. Acesso em: abril, 2020.

STEVENS, barry. Don't Push The River (it flows by itself). Califórnia: Celestial Arts, 1985.